

O Discurso sobre o Pão da Vida (6:22-71)

O CENÁRIO DO DISCURSO (6:22-26)

²²No dia seguinte, a multidão que ficara do outro lado do mar notou que ali não havia senão um pequeno barco e que Jesus não embarcara nele com seus discípulos, tendo estes partido sós. ²³Entretanto, outros barquinhos chegaram de Tiberíades, perto do lugar onde comeram o pão, tendo o Senhor dado graças. ²⁴Quando, pois, viu a multidão que Jesus não estava ali nem os seus discípulos, tomaram os barcos e partiram para Cafarnaum à sua procura. ²⁵E, tendo-o encontrado no outro lado do mar, lhe perguntaram: Mestre, quando chegaste aqui? ²⁶Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes.

Versículos 22 a 24. Depois de alimentar os cinco mil homens, a multidão tentou pegar Jesus à força e proclamá-lo um rei terreno. Assim que percebeu isso, Jesus ordenou a seus discípulos que entrassem em um barco e comessem a atravessar para o lado oeste do mar, rumo a Cafarnaum, enquanto ele despedia a multidão, retirando-se depois para um lugar mais elevado a fim de orar. Muitos ainda estavam determinados a proclamar Jesus rei, então **no dia seguinte, a multidão que ficara do outro lado do mar** (no local da multiplicação dos pães e peixes aos cinco mil homens) procurava por ele. Ficaram perplexos ao notar que, no dia anterior, havia somente um **pequeno barco** e que nesse **barco** os **discípulos** haviam **partido sós**. Perceberam que **Jesus** não tinha ido com os discípulos, nem se encontrava ali por perto (6:22).

João 6:23 fornece uma espécie de observação parentética (muito parecida com a de 4:2) que,

além de explicar como a multidão atravessou o lago, prepara o palco para o discurso sobre “o pão da vida”. A explicação era que **outros barquinhos chegaram de Tiberíades** ao lado leste do lago. Alguns barcos podem ter sido soprados pela tempestade, enquanto outros podem ter sido alugados ou trazidos para transportar amigos ou vizinhos. Independentemente do motivo por que esses barcos estavam ali, **a multidão** embarcou neles rumo a **Cafarnaum**, na esperança de achar **Jesus** (6:24).

Versículos 25 e 26. Quando **encontraram** Jesus em Cafarnaum, **no outro lado do mar**, quiseram saber como ele havia chegado ali, pois não havia partido de barco com os discípulos. Cumprimentaram Jesus, chamando-o de **Mestre** (veja os comentários sobre 1:38). O uso desse título expressava respeito e honra, ainda que estivessem confusos quanto à natureza do reino que Jesus estava oferecendo e prestes a contestar seu ensino sobre “o pão da vida”. Perguntaram-lhe, então: **Quando chegaste aqui?** – e, por implicação, “como?”.

Jesus, empregando a dupla afirmação **em verdade, em verdade vos digo** (veja os comentários sobre 1:50, 51), não lhes respondeu, porém afirmou que o motivo por que o procuravam não era puro: **vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes**. Eles estavam interessados nas consequências dos sinais e não no verdadeiro significado dos sinais. Assim como a mulher samaritana, que queria o suprimento infinito de água física para não ter de ir diariamente ao poço para tirar água, aquela gente queria um suprimento infinito de pão físico para sustentar seus corpos. Este versículo não contradiz 6:14, que diz que o povo “viu o sinal que Jesus fizera” e concluiu que ele era “o profeta” que haveria de vir. De fato, viram o sinal, isto é, o milagre real;

mas não conseguiram ver o que o sinal estava ensinando (veja os comentários sobre 2:11). Os sinais sempre apontavam para algo além de si mesmos. Nesse caso, o sinal da multiplicação dos pães e peixes apontava para o próprio Jesus; mas o povo não procurava Jesus, procuravam o que Jesus podia lhes dar materialmente. Guy N. Woods escreveu: “Eles não procuravam por ele, mas pelo que era *dele*. Como dizem, quem ama o homem pelo seu dinheiro ama o dinheiro mais do que ao homem”¹. Seguiram Jesus porque seus estômagos estavam cheios e esperavam continuar sendo alimentados. Não foram movidos pela fé em Jesus, nem reconheceram que ele poderia satisfazer a fome espiritual de suas almas.

O VERDADEIRO MANÁ (6:27–34)

²⁷Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo. ²⁸Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus? ²⁹Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado. ³⁰Então, lhe disseram eles: Que sinais fazes para que o vejamos e creiamos em ti? Quais são os teus feitos? ³¹Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito:

Deu-lhes a comer pão do céu.

³²Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá. ³³Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo. ³⁴Então, lhe disseram: Senhor, dá-nos sempre desse pão.

Versículo 27. Este versículo inicia o discurso de Jesus sobre “o pão da vida” (veja 6:35), que ele proferiu “quando ensinava na sinagoga de Cafarnaum” (6:59). Não sabemos o momento exato da transição para a sinagoga, mas esta é uma questão de pouca relevância. Este versículo pode muito bem marcar a transição. O discurso começa como um diálogo entre Jesus e seus ouvintes, mas se transforma num monólogo dito por Jesus.

Jesus desafiou o povo a **trabalhar** pelo tipo de

alimento certo – não **pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna**. O contraste se dá entre o físico, que é temporário, e o espiritual, que é eterno. Essa justaposição lembra o contraste entre a água física e a água espiritual na conversa de Jesus com a mulher samaritana. Assim como a água física do poço de Jacó não poderia fornecer o alimento necessário para a alma que a “água viva” podia fornecer (veja 4:10–14), a “comida que perece” não poderia fornecer a esses seguidores o alimento para a alma que a “comida que subsiste para a vida eterna” podia fornecer. O alimento físico só satisfaz por um curto período. Depois de ter comido até não poder mais, a pessoa ainda voltará a ter fome. A comida, assim como outras coisas deste mundo, por fim deixa a pessoa vazia e insatisfeita. Esse é o plano de Deus. Ele quer que o seu povo compreenda que os alimentos, assim como todas as coisas de âmbito temporário, são incapazes de dar plena satisfação. Jesus ensinou que não se deve trabalhar pela comida que perece. Isso não significa que a pessoa não deve sustentar sua família (veja 1 Timóteo 5:8), nem significa que deve simplesmente parar de trabalhar (veja 2 Tessalonicenses 3:10–12). Pelo contrário, todos nós devemos ser zelosos ao fazer essas coisas – porém, não em detrimento da comida que subsiste para a vida eterna. Foi por essa comida que Jesus desafiou seus ouvintes a trabalharem. (Esse trabalho consiste em crer em Jesus, conforme 6:29 explica.)

Jesus, o provedor da comida eterna, usou o título **Filho do Homem** para si mesmo. **A qual... vos dará** pode se referir à provisão de alimento, à vida eterna, ou às duas coisas, pois no contexto Jesus é a comida que “permanece para a vida eterna” (NVI). Ele é “o verdadeiro pão” do céu (6:32) – “o pão da vida” (6:35, 48). Quem vai a ele jamais terá fome (6:35). Jesus é o provedor do alimento que “subsiste para a vida eterna”. Essa dádiva, embora concedida pelo Filho do Homem, deve ser conquistada pelo trabalho, assim como o alimento terreno, isto é, deve-se gastar energia para conquistá-la. Isso não quer dizer que “trabalhar” signifique “comprar” o presente, pois um presente é algo que não pode ser adquirido ou comprado. É com confiança que se busca a dádiva do alimento que subsiste, **porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo**. Deus “selou” o Filho do Homem, ou seja, certificou que seu próprio Filho está exclusivamente autorizado a dar a comida que subsiste ou permanece para a vida eterna. O uso do aoristo

¹ Guy N. Woods, *A Commentary on the Gospel According to John*, New Testament Commentaries. Nashville: Gospel Advocate Co., 1981, p. 124.

no verbo “selar” (ἐσφράγισεν, *esfragisen*) pode sugerir, embora não necessariamente, que a selagem confirmada pelo Pai ocorreu num determinado momento. Nesse caso, a ocasião provavelmente foi o batismo de Jesus, quando o Espírito Santo desceu sobre ele (1:32–34).

Versículos 28 e 29. A multidão entendeu mal a proibição de Jesus. Em vez de focar naquilo pelo qual deveriam trabalhar, ou seja, a comida que subsiste para a vida eterna, focaram na natureza do trabalho e perguntaram: **Que faremos para realizar as obras de Deus?** Essas “obras de Deus” não são obras que Deus faz, mas obras que “Deus requer” (cf. NVI). Como sempre, os judeus que ouviram Jesus tinham estavam pensando na realização de um ou mais atos meritórios que os fizessem merecedores do favor divino, e por fim da salvação. Geralmente deduziam que a justiça que Deus requer só era alcançada por desempenho. Ignorando como Deus torna o homem justo, tentaram estabelecer seu próprio sistema de justiça (veja Romanos 1:17; 10:3).

A resposta de Jesus foi esplêndida: **A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.** Em vez de “obras de Deus”, Jesus disse “a obra de Deus” ou a “exigência de Deus”, a qual pode ser resumida em uma palavra: “fé”. Embora o substantivo “fé” (πίστις, *pistis*) não apareça aqui ou em qualquer outro lugar do Evangelho, o verbo correspondente, “crer” (πιστεύω, *pisteuō*), ocorre noventa e oito vezes (começando em 1:7, 12). Ao contrário do que os judeus pensavam, Deus não exige que acumulemos atos de serviço meritórios; ele requer uma fé que confia em sua palavra e está disposta a se submeter humildemente às suas exigências. A fé, então, é uma “obra” – não no sentido do indivíduo se esforçar para ganhar o favor de Deus, mas no sentido de dar a resposta exigida para o que ele fez por nós através de Cristo. “A fé que salva não se baseia na nossa realização, e sim na expiação dele.”² Ser salvo não é uma questão de obras, como se a fé não tivesse importância; nem é uma questão de fé, como se as obras não tivessem importância.

A fé vista como uma “obra” não deve ser do tipo descrito por Tiago quando escreveu “que a fé sem obras é morta” (Tiago 2:20). Ele citou como

exemplo Abraão e declarou-o “justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque” (Tiago 2:21, 22; veja Atos 10:34, 35). Tiago falou das “obras” que estão *incluídas* no plano de Deus. Ao contrário disso, Paulo falou das “obras” que estão *excluídas* quando disse que alguém é “salvo pela fé” e “não por obras” (Efésios 2:8, 9a). As “obras” aqui são aquelas das quais alguém pode “se orgulhar” (Efésios 2:9b; NTLH). Ele se referiu a essas obras quando disse: “Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Romanos 3:28).

Em vez de tornar a fé e o trabalho mutuamente exclusivos, Jesus uniu esses dois elementos em sua resposta à multidão. Hoje, ele debateria com os que ensinam que a fé não é uma obra e que o batismo, por exemplo, por ser uma obra está excluído do plano de salvação de Deus. De fato, a fé em si é uma obra (algo que Deus requer) e será aceitável a Deus mediante uma demonstração do que Deus requer (obras adicionais). Portanto, quem tem uma fé que salva crê na palavra de Deus. Visto que a Palavra de Deus exige o batismo para a remissão dos pecados, quem tem a fé que salva se submete a essa exigência, bem como a todas as demais exigências que Deus requer. Isto inclui ouvir e crer na mensagem do evangelho, confessar a fé em Cristo e arrepender-se dos pecados (veja Atos 2:38; Romanos 10:8–10).

Versículos 30 e 31. Com toda probabilidade, a multidão estava começando a entender que Jesus realmente alegou ser o Messias; por esse motivo, pediram-lhe **um sinal** como prova dessa alegação. De acordo com 6:26, já tinham presenciado vários sinais além do notável evento da multiplicação dos pães e peixes que alimentou cinco mil homens. Embora este último sinal tivesse sido excepcional, na mente deles, ele ainda não era suficiente para estabelecer que Jesus era o Messias. Será que algum sinal que Jesus realizasse haveria de ser suficiente? Ele já tinha realizado vários! Os judeus se enganaram pensando que, se vissem mais um sinal, creriam; obviamente não foi isso o que aconteceu. A incredulidade deles persistiu. Exigiram um sinal para crer, perguntando: **Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em ti?** O pronome “tu” (σύ, *su*) é enfático no grego. Os judeus não esperavam que Jesus pudesse realizar o sinal que eles queriam, e “ver” não resultaria para eles em “crer”.

A multiplicação dos pães e peixes já os havia

² Frank Pack, *The Gospel According to John, Part I*, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1975, p. 105.

levado a especular que Jesus poderia ser “o profeta” semelhante a Moisés que viria ao mundo (6:14). À luz desse cenário, indicaram o tipo de sinal que desejavam, chamando a atenção para o **maná** do deserto. Se Jesus era de fato o Messias, queriam que ele demonstrasse isso de uma forma que superasse Moisés e o maná que ele havia provido durante as peregrinações de Israel no deserto. O milagre de Jesus foi um evento único; o maná tinha caído do céu por quarenta anos. Jesus distribuiu pão para cinco mil homens, ao passo que o maná tinha alimentado uma nação inteira. O tipo de pão que Jesus deu era comida todos os dias, mas o maná era **pão do céu**. Alimentados pela expectativa de que o Messias proveria maná, queriam ver se Jesus tinha poder para produzir pão *do céu*, e não somente pão *da terra*. Fundamentaram o pedido aplicando a ideia do Salmo 78:24 (veja Neemias 9:15) a Moisés. Se Jesus provesse pão do céu, então ele deveria ser o profeta semelhante a Moisés e provaria ser o Messias.

Versículos 32 e 33. Jesus respondeu com a dupla afirmação **em verdade, em verdade vos digo** (veja os comentários sobre 1:50, 51), indicando que o que ele estava prestes a dizer era muito importante. Ele disse que a multidão estava enganada em dois pontos: 1) **Não foi Moisés**, mas Deus quem **deu** o maná no deserto; e 2) o maná era apenas uma prefiguração, um tipo, do **verdadeiro pão do céu**, e não “o verdadeiro pão”. Deus deu maná (alimento físico) a Israel para o sustento da vida física por um tempo, mas agora ele estava dando “o verdadeiro pão” (alimento espiritual) do céu – um pão imperecível por natureza e que duraria a vida eterna. Chamando Deus de **meu Pai**, Jesus indicou que Deus dá continuamente o “verdadeiro pão” do céu, o qual, evidentemente não é o maná. A ordem das palavras coloca “verdadeiro” (ἀληθινόν, *alēthinon*) na posição enfática. Só em 6:35 é que Jesus se identificou como “o pão da vida”, o qual é “o verdadeiro pão”. A multidão estava seguindo Jesus para saciar a fome física, completamente inconsciente de que, naquele exato momento, o Pai estava lhes dando o “verdadeiro pão” na Pessoa de Seu Filho Jesus.

“O verdadeiro pão” é o **pão de Deus**, isto é, o “pão” que procede de Deus. Tal como o maná, ele desceu do céu; mas, ao contrário do maná, que só sustentava a vida física, ele dura a vida eterna. A expressão **o que** [“desce do céu”] pode ser entendida como “aquele [pessoa] que”. O fato de não

entenderem que se tratava de uma pessoa ficou claro no pedido lançado a seguir: “Senhor, dá-nos sempre desse pão” (6:34). Jesus sabia que ele era “o pão de Deus” **que desce do céu e dá vida ao mundo**, ou seja, a toda a humanidade.

Versículo 34. Assim como a mulher que disse: “Senhor, dá-me dessa água...” (4:15), a multidão respondeu: **Senhor, dá-nos sempre desse pão**. Reportaram-se a Jesus como “senhor” (veja 4:1), empregando a saudação respeitosa, e não o título divino. Não consideravam Jesus como seu Senhor no sentido espiritual. Entenderam muito pouco do que Jesus estivera falando por serem incapazes de pensar em um nível espiritual. Jesus era realmente o Messias, “o pão de Deus” do céu; e ele passou a se identificar como tal na próxima seção.

O PÃO DA VIDA (6:35–47)

³⁵**Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede.** ³⁶**Porém eu já vos disse que, embora me tenhais visto, não credes.** ³⁷**Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora.** ³⁸**Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou.** ³⁹**E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia.** ⁴⁰**De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.**

⁴¹**Murmuravam, pois, dele os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu.** ⁴²**E diziam: Não é este Jesus, o filho de José? Acaso, não lhe conhecemos o pai e a mãe? Como, pois, agora diz: Desci do céu?** ⁴³**Respondeu-lhes Jesus: Não murmureis entre vós.** ⁴⁴**Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia.** ⁴⁵**Está escrito nos profetas:**

E serão todos ensinados por Deus.

Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim. ⁴⁶**Não que alguém tenha visto o Pai, salvo aquele que vem de Deus; este o tem visto.** ⁴⁷**Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim tem a vida eterna.**

Versículo 35. Devido à tendência de pensarem em termos materiais, não compreenderam o que

Jesus quis dizer com “o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo” (6:33). Depois de fazerem seu pedido, **Jesus** lhes disse claramente: **Eu sou o pão da vida**, uma alegação repetida em 6:48. Jesus já tinha dito que ele dava uma comida (“pão”) que subiste ou permanece para a vida eterna; agora, ele se referiu a si mesmo como sendo essa comida (“pão”).³ “O pão da vida” não é como o maná dado aos israelitas no deserto. Não é algo físico que pode ser recolhido e comido; é o próprio Jesus! Ele foi enviado pelo Pai para dar-se a si mesmo a fim de que outros vivam.

A declaração “Eu sou” (ἐγώ εἰμι, *egō eimi*) neste contexto é enfática, implicando sua divindade (veja Êxodo 3:14). “Eu sou o pão da vida” é a primeira de sete declarações enfáticas semelhantes, nas quais Jesus usou “eu sou” com predicados. As outras seis vezes em que “eu sou” é usado nesse sentido são acompanhadas dos seguintes predicados: “a luz do mundo” (8:12), “a porta das ovelhas” (10:7; veja 10:9), “o bom pastor” (10:11, 14), “a ressurreição e a vida” (11:25), “o caminho, e a verdade, e a vida” (14:6) e “a videira verdadeira” (15:1; veja 15:5). Além desses usos de “Eu sou”, vários outros ocorrem em João desacompanhadas de predicados (veja 6:20; 8:24, 28, 58; 18:6).

Jesus prosseguiu dizendo: **o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede**. Para se apropriar deste “pão”, todos devem “vir” a Jesus e “crer” nele. Embora esses termos possam ser equivalentes, B. F. Westcott sugeriu que eles podem ser contemplados separadamente: “A primeira palavra apresenta a fé em ação como algo ativo e exterior; a segunda apresenta a fé no pensamento como algo em repouso e interior”.⁴ “Vir a Cristo” é mencionado em 5:40; 6:37, 44, 45, 65 e 7:37. A fome e a sede podem ser saciadas com a comida e a água espiritual que Jesus dá gratuitamente. A condição humana é um dos vazios que só pode ser abordada por Jesus. Blaise Pascal falou de um vazio existente no homem:

Isso ele tenta em vão preencher com tudo que o circunda, buscando nas coisas que não estão ali a ajuda que não pode encontrar nas que estão, embora ninguém possa ajudar, visto que esse

abismo infinito só pode ser preenchido com um objeto infinito e imutável; em outras palavras, pelo próprio Deus.⁵

Versículos 36 e 37. Jesus interrompeu o seu discurso sobre “o pão da vida” com a palavra **porém** (ἀλλά, *alla*), indicando um forte contraste. Assim como Jesus havia acusado de incredulidade os que estavam em Jerusalém, agora ele acusava os habitantes da Galileia da mesma coisa. Embora não saibamos com certeza o que Jesus quis dizer com **eu já vos disse**, a essência do que ele disse a esses seguidores encontra-se em 6:26. No dia anterior, eles **tinham visto** um homem de grande habilidade, a quem estavam dispostos a se submeter como a um rei (6:14, 15). Testemunharam a habilidade desse homem de alimentar uma multidão, porém não entenderam o significado do sinal que ele havia realizado e a verdade sobre sua identidade. Viram somente a maravilha e o poder do sinal. Por causa de sua obstinação, não conseguiam enxergar além do ato físico da multiplicação dos pães e peixes. Essa obstinação levou-os à incredulidade e rejeição a Jesus, “o pão da vida”!

Jesus então disse: **Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim**. “Todo aquele” (πᾶν, *pan*) está no neutro singular, que é uma característica estilística encontrada somente aqui em João (6:39; veja 17:2; 1 João 5:4), em vez de um esperado masculino plural. Embora não haja um consenso quanto à força exata deste termo, alguns estudiosos acreditam que “ele dá maior força coletiva à expressão”.⁶ “Todo aquele” denota a soma de todas as pessoas, enquanto “o que” refere-se a um membro individual desse total. A mesma ideia ocorre em 6:39 e 40 (veja 17:2). Jesus disse que todos (os crentes) lhe foram dados pelo Pai. Como Deus dá alguém a Jesus? 1) Alguns dizem que o próprio Deus, em sua soberania, escolhe quem será salvo e dá esses indivíduos a Jesus. 2) Um ponto de vista mais preciso é que Deus atrai as pessoas pela manifestação de seu infinito amor, misericórdia e bondade. Paulo disse que “a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento” (Romanos 2:4). Essa bondade foi visivelmente manifestada quando Deus deu o seu Filho (3:16; Romanos 5:6–10). Os indivíduos que respondem ao amor de Deus de livre vontade são

³ “Pois Jesus é a própria dádiva da qual ele é o doador” (Barnabas Lindars, *Behind the Fourth Gospel*, Studies in Creative Criticism. Londres: SPCK, 1971, p. 37).

⁴ B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John*. Cambridge: University Press, 1881; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 102.

⁵ Blaise Pascal, *Pensées* 7 [425].

⁶ Barclay M. Newman e Eugene A. Nida, *A Translator's Handbook on the Gospel of John*, Helps for Translators. Nova York: United Bible Societies, 1980, p. 199.

os que Deus dá a Jesus.

A frase explícita **o que vem a mim** enfatiza a responsabilidade individual e não significa aquele que age por compulsão. R. C. Foster disse: “Deus não domina o homem e o dá a Jesus obrigando-o a aceitá-lo. O homem escolhe e aceita ou rejeita por si mesmo. Deus sabe de antemão o que o homem fará. Nesse sentido, ele dá homens a Jesus”⁷. Aqui e em outras passagens, Jesus descreve pessoas indo a ele. Os que o aceitaram, o Pai lhe deu; “todos os outros são rejeitados, não porque *não podem* ir, mas porque *não vão!*”⁸ Deus oferece sua graça a todos (Tito 2:11) e dá o seu evangelho a todos (veja Marcos 16:15). No entanto, nem todos obedecerão ao evangelho (2 Tessalonicenses 1:7–9); e aqueles que não o fizerem se perderão – não por causa de um decreto divino, mas por causa de sua própria escolha. Deus “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Timóteo 2:4). Jesus **de modo algum lançará fora** o indivíduo que vai a ele com fé. A tradução da NVI “jamais” capta bem a força da negação enfática οὐ μὴ (*ou mē*) com o subjuntivo. Jesus sempre receberá quem for a ele com uma fé submissa; ele jamais o rejeitará.

Versículos 38 a 40. A razão pela qual Jesus jamais rejeitará quem for a ele é introduzida por ὅτι (*hoti*), que significa **porque** em 6:38. Jesus declarou o propósito de sua vinda no sentido negativo e positivo: **Eu descí do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou** (6:38). A ideia de Jesus descer do céu é mencionada sete vezes neste capítulo (6:33, 38, 41, 42, 50, 51, 58), evidenciando ainda mais sua divindade. Que Jesus e o Pai são no que tange ao propósito de ambos é revelado pelo fato de Jesus ter descido do céu com o propósito específico de fazer a vontade do Pai (veja 4:34).

Jesus veio para fazer a vontade do Pai que o enviou, e aqui essa vontade específica é mencionada (novamente tanto no sentido negativo quanto no positivo). Ele disse: **E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia** (6:39). Como em 6:37, “todos” está no neutro singular; e na declaração “eu o ressuscitarei no último dia”, “o” (αὐτό, *auto*) representa a soma

de todas as pessoas. Em 6:40, **todo homem** (πᾶς, *pas*) está no masculino singular; em **eu o ressuscitarei no último dia**, “o” (αὐτόν, *auton*) foca o crente individual (veja 6:37b). Visto que a vontade do Pai é que Jesus não “perca nenhum” e “ressuscite-o no último dia”, alguns insistem que aqueles que vão a Cristo não podem jamais se perder, mas serão preservados por Cristo até a ressurreição. Na opinião deles, dizer que um crente pode perder a salvação é dizer que Cristo foi incapaz de cumprir a vontade do Pai ou que ele foi desobediente ao Pai. Visto que nenhuma dessas alternativas pode ser verdadeira, insistem que quem vai a Cristo jamais perde a salvação.

No entanto, a visão de que é impossível alguém cair da fé e se perder não pode ser verdadeira. Essa doutrina não é ensinada neste contexto nem na totalidade da Bíblia. Pelo contrário, o perigo da apostasia é ensinado em muitas passagens (veja, por exemplo, Gálatas 5:4; 1 Timóteo 1:19, 20; 5:8; Hebreus 6:4–6; 2 Pedro 2:20–22). Já foi visto em 6:37 que aquele que o Pai dá a Jesus é aquele que “escolhe” ir a ele, crendo que ele é o Filho de Deus (veja 6:35) e humildemente se submetendo à sua vontade. Em 6:40, a descrição daquele que **tem vida eterna** e será ressuscitado “no último dia” também mostra que a impossibilidade de apostasia é falsa. Quem será ressuscitado é todo que **vir o Filho e nele crer**.

“Vir” e “crer” no grego estão no participípio presente, que implica ação feita continuamente por quem o Pai deu a Jesus. A flexão “vir” vem de θεωρέω (*theōreō*), traduzido por “virde” em 6:62. Em ambas as ocorrências, denota “a visão perspicaz que reconhece a realidade eterna por trás dos fatos ou nos fatos fenomênicos da vida e morte de Jesus Cristo”⁹. F. F. Bruce argumentou que este não é o significado inerente, pois o mesmo verbo é usado em 2:23 referindo-se a “ver os sinais de Jesus sem uma avaliação adequada de seu significado”¹⁰. O contexto aqui indica que “ver o Filho” praticamente não se distingue de “nele crer”. Para aqueles que continuamente “veem” e “creem” em Jesus, Deus dá a vida eterna agora e a esperança da ressurreição no último dia.

Versículos 41 e 42. Os oponentes de Jesus são frequentemente identificados como **judeus**. Em

⁷ R. C. Foster, *Studies in the Life of Christ*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 660.

⁸ Woods., p. 128.

⁹ C. H. Dodd, *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Cambridge: University Press, 1953, p. 342, n. 1.

¹⁰ F. F. Bruce, *The Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983, p. 155.

bora a expressão “os judeus” geralmente significa que as autoridades religiosas em Jerusalém (como em 5:18), a referência aqui é à congregação da sinagoga em Cafarnaum ou a seus líderes. Não há necessidade de se concluir que esta menção aos “judeus” implique uma mudança de locação da cena. O versículo 59 diz que Jesus falou essas coisas na sinagoga, embora não saibamos exatamente quando ele mudou de local (talvez em 6:27). Assim como seus pais reclamaram no deserto (Êxodo 16:2, 8, 9; Números 11:4–6), esses judeus **murmuravam** (ἐγόγγυζον, *egonguzon*; um imperfeito) ao ouvirem as palavras de Jesus. Em Jerusalém, os judeus se queixaram quando Jesus se igualou a Deus (5:18), e agora, esses judeus galileus também estavam se queixando – não tanto porque Jesus afirmou ser “pão”, mas porque ele disse: **Eu sou o pão que desceu do céu**. Essa autodeclaração fazia de Jesus não só um profeta semelhante a Moisés, mas um profeta maior do que Moisés. Os judeus simplesmente não podiam aceitar essa alegação.

A reação dos judeus ao rejeitar a alegação de Jesus e, conseqüentemente, o próprio Jesus, apoiava-se no conhecimento que eles tinham a respeito de Jesus e seus pais terrenos. A essência da reclamação deles era: “Como pode um homem que conhecemos e cujos pais conhecemos, depois de viver todos esses anos na comunidade, declara-se agora o pão que desce do céu?” Eles não conseguiam entender como um carpinteiro de uma família pobre poderia ser um mensageiro especial de Deus – a ponte entre o céu e a terra. A afirmação sobre **José** não implica necessariamente que ele ainda estivesse vivo. Em outras palavras, estavam dizendo: “Nós sabemos quem são seus pais, então que direito ele tem de dizer que é do céu?” Os judeus pensavam que sabiam quem era Jesus, mas desconheciam sua verdadeira identidade. “Jesus, repetidamente, insiste que seus oponentes não conhecem seu Pai (celestial) de forma alguma (4:22; 8:19, 55; 15:21; 16:3; 17:25). De fato, ficará patente que Jesus conhece o ‘pai’ deles (8:42[–44]) muito mais que eles conhecem o dele!”¹¹

Versículos 43 e 44. Jesus os repreendeu por murmurarem, ou se queixarem; não aprenderiam verdades espirituais dessa maneira. Embora o esperado fosse Jesus se defender de terem

afirmado conhecer sua identidade, ele respondeu lembrando-lhes que deveriam ir a ele se quisessem ter vida espiritual. Jesus afirmou de forma negativa o que ele já tinha afirmado de forma positiva: **Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer** (veja 6:37a). Para alguns estudiosos, estes versículos constituem uma forte evidência em favor da “teoria” da predestinação, significando, portanto, que Deus traz pessoas para Si exercendo domínio sobre o livre arbítrio delas. Isto, porém, não é assim. A flexão verbal “trouxe” vem de ἔλκω (*helkō*), que significa “mover um objeto de uma área para outra em um movimento de tração”¹², cuja implicação é a resistência¹³. Esse verbo é usado duas vezes no sentido de Deus e Jesus exercerem um poder de “atração” sobre o homem (aqui e em 12:32). “Este verbo é usado no Antigo Testamento grego para traduzir um verbo hebraico que significa ‘aproximar’, sendo empregado pelos judeus para expressar a conversão de prosélitos à lei.”¹⁴ Deus não atrai a si mesmo homens forçadamente, como é ilustrado pela declaração de Jesus: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (12:32). Se Deus atraísse os homens contra a vontade deles, o resultado seria a salvação universal. Convém ressaltar que a salvação é iniciativa de Deus, não do homem. A graça divina se manifestou a todos (Tito 2:11), e Deus almeja que todos sejam salvos (1 Timóteo 2:4) – de tal maneira que enviou seu Filho para morrer a fim de que os seres humanos sejam salvos (3:16; Romanos 5:6–10). Esta é a boa notícia (o evangelho) da graça salvadora de Deus. A graciosa oferta de salvação geralmente encontra resistência (como no caso desses judeus incrédulos) porque alguns não *desejam* ser atraídos pelo poder do evangelho. No entanto, aqueles que *desejam* ser atraídos podem de fato ir até Deus. Jesus convida todos a irem a ele (Mateus 11:28), e os que vão a ele são os que prontamente respondem ao chamado do evangelho. Pela terceira vez, a ressurreição do crente no **último dia** foi prometida como o clímax da obra salvadora de Jesus (veja 6:39, 40).

Versículos 45 e 46. Jesus explicou como o Pai

¹² Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 318.

¹³ Por exemplo, Pedro “puxou” a espada (18:10) e “arrastou” a rede para a terra (21:11).

¹⁴ Pack, p. 110.

¹¹ D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 294.

atrai as pessoas ao seu Filho, citando **os profetas: E serão todos ensinados por Deus**. Esta citação provavelmente é de Isaías 54:13, mas esse pensamento também se encontra em Jeremias 31:33 e 34; ambas as passagens falam da lei mosaica sendo ensinada ao povo de Israel. Aqueles que vão a Jesus são ensinados através do ouvir e do aprender do Pai. O foco está na iniciativa divina: o Pai ensina; as pessoas ouvem, aprendem e creem no que lhes foi ensinado. O Pai atrai as pessoas com seu apelo amoroso por meio da mensagem do evangelho que corporificada em Jesus Cristo. Aqueles que vão a Jesus crendo nele têm vida eterna (5:24); por outro lado, alguns não vão a fim de ganhar vida (5:40). Os judeus queixosos recusaram-se a ser ensinados ouvindo e aprendendo e, conseqüentemente, não foram até o enviado do Pai.

As palavras do versículo 46, considerado por alguns estudiosos um comentário parentético de João, eliminam o pensamento equivocado de que ser ensinado por Deus requer um encontro direto, pessoal com Deus, ou seja, “ver a Deus”. Sabemos que “ninguém jamais viu a Deus” (1:18). Só Jesus, **aquele que vem de Deus, tem visto o Pai** e aqueles que reconhecem o Filho por quem e pelo que ele verdadeiramente é, veem o Pai no Filho (veja 6:40; 12:45; 14:9). Pode-se ver o Filho ouvindo, aprendendo e crendo na mensagem do evangelho a respeito de Jesus. Essa mensagem foi dada aos apóstolos e profetas pelo Espírito Santo (2 Pedro 1:20, 21).

Versículo 47. Jesus voltou a usar a dupla afirmação **em verdade, em verdade vos digo** (veja os comentários sobre 1:50, 51), ao enfatizar a importância de crer nele para ser salvo. Ele já havia se declarado “o pão da vida” e afirmou que quem nele crer não terá fome nem sede (6:35). Ele também disse que todos os que veem o Filho e nele creem têm a vida eterna e serão ressuscitados no último dia (6:40). Aqui, ele prometeu que quem nele crer será ressuscitado e terá **a vida eterna** (veja os comentários sobre 5:24).

COMER A CARNE DO FILHO DO HOMEM (6:48–59)

⁴⁸**Eu sou o pão da vida.** ⁴⁹**Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.** ⁵⁰**Este é o pão que desce do céu, para que todo o que dele comer não pereça.** ⁵¹**Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão**

que eu darei pela vida do mundo é a minha carne.

⁵²**Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a comer a sua própria carne?** ⁵³**Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos.** ⁵⁴**Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.** ⁵⁵**Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida.** ⁵⁶**Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele.** ⁵⁷**Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá.** ⁵⁸**Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente.** ⁵⁹**Estas coisas disse Jesus, quando ensinava na sinagoga de Cafarnaum.**

Versículos 48 a 50. Jesus repetiu a declaração registrada em 6:35: **Eu sou o pão da vida**, mas aqui, ele deu uma explicação mais completa. O raciocínio exposto nesta seção, 6:48–50, é semelhante ao de 6:32–35. Anteriormente, Jesus havia comparado o maná do deserto com o “pão” do céu (6:30–33). Ele deixou claro que aquele **maná** veio do céu e podia sustentar a vida física, porém não podia conceder vida espiritual. Aqueles que comeram o maná **no deserto**, por fim, **morreram** (6:49). Ao contrário disso, quem come (se apropria crendo) o **pão que desce do céu não perecerá** (6:50), mas usufruirá da vida eterna (veja 6:47). Embora os que obedecem a Cristo não escapem da morte física (a menos que estejam vivos na volta do Senhor), escaparão da morte espiritual porque a vida espiritual é a consequência de ir a Jesus.

Versículo 51. As duas primeiras frases deste versículo resumem e reforçam o que Jesus havia acabado de dizer em 6:50. Jesus mais uma vez falou de si mesmo como “pão”, mas desta vez como **o pão vivo que desceu do céu**. “Ele é ‘vivo’ porque, além de ser imperecível e satisfazer completamente, pode conceder vida espiritual.”¹⁵ “Desceu” (καταβάς, *katabas*), no tempo aoristo, indubitavelmente se refere à encarnação (veja 1:14). Jesus também prometeu: **se alguém dele comer, viverá eternamente**. “Se alguém dele comer” quer dizer

¹⁵ Woods, p. 132.

“se alguém se apropria dele crendo”. “Viverá eternamente” é uma afirmação positiva do que ele já havia dito no sentido negativo (“não perecerá”; 6:50).

Finalizando, Jesus disse que **o pão que ele daria** seria a sua **carne** e seria **pela vida do mundo**. A universalidade da obra salvífica de Jesus já foi enfatizada em João: Deus enviou seu Filho “para que o mundo fosse salvo por ele” (3:17). Além disso, os samaritanos, assim que ouviram Jesus, confessaram que ele era “o Salvador do mundo” (4:42). “Eu darei” é uma referência ao incrível dom que Jesus daria na cruz. Jesus ser “o pão vivo” e Se dar pelo mundo exprimem a natureza sacrificial. João Batista já havia apresentado Jesus como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (1:29). A “carne” é uma alusão à morte de Jesus, uma morte voluntária (“eu darei”) e vicária (“pela vida do mundo”). Tamanho sacrifício nos remete à descrição do Servo Sofredor em Isaías 52:13—53:12.

Alguns comentaristas concluíram que 6:51–58 diz respeito à ceia do Senhor. Considerando que João não fala explicitamente da ceia do Senhor em outra passagem, eles compararam esta seção aos relatos da instituição da ceia nos Evangelhos Sinóticos¹⁶. Em relação 6:51–58, Raymond E. Brown escreveu:

Existem duas indicações expressivas de que a Eucaristia está em mente. A primeira indicação é o reforço em comer (alimentar-se de) a carne de Jesus e beber seu sangue...

A segunda indicação da Eucaristia é a fórmula encontrada no v. 51: “O pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne”¹⁷.

Esta interpretação pode ser seriamente questionada por várias razões. Primeiro, Jesus falou de “minha carne”, ao passo que nos relatos da ceia do Senhor nos Evangelhos Sinóticos, Jesus disse: “Este é o meu corpo” (Mateus 26:26; Marcos 14:22; Lucas 22:19). Além disso, a palavra “comer” em 6:51, *φάγη* (*fagē*, de *ἐσθίω*, *esthiō*), está no tempo aoristo, denotando a ação completa de se apropriar

de Cristo pela fé, e não um repetitivo comer (participar) da ceia do Senhor. Jesus estava dizendo que o “pão” que desce do céu é a sua carne, a qual foi sacrificada na cruz pelo mundo inteiro.

Versículo 52. O ensino de Jesus, especialmente a última parte de 6:51, provocou uma discussão entre os judeus. O verbo traduzido por **disputavam** vem de *μάχομαι* (*machomai*), uma palavra forte que significa literalmente “lutar” (veja Atos 7:26). Eles não estavam zangados um com o outro, mas com Jesus por causa da declaração que acaba de fazer. Os judeus sabiam que Jesus não estava falando literalmente, como que sugerindo a prática do canibalismo; mas mesmo assim ficaram ofendidos. Se Jesus falava no sentido figurado, o que queria dizer? Não tinham todos a mesma opinião, como veremos repetidamente (veja 7:12, 40; 9:16; 10:19–21). Defendendo variados pontos de vista, provavelmente disseram com desdém: **Como pode este dar-nos a comer a sua própria carne?**

Versículos 53 e 54. Jesus iniciou sua resposta usando, pela quarta vez neste discurso, a dupla afirmação **em verdade, em verdade vos digo** (veja os comentários sobre 1:50, 51). Jesus não suavizou sua afirmação à luz da indagação que haviam feito; pelo contrário, ele reforçou ainda mais o que já havia dito na última parte de 6:51. Até então, Jesus falara de comer “pão”, o qual ele identificou como sua carne; a seguir, impôs uma condição: **se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos**. O acréscimo da expressão “beberdes o seu sangue” “era especialmente surpreendente para um judeu, para quem o sangue de animais era um *tabu* e expressamente proibido como alimento [Gênesis 9:4; Deuteronômio 12:16]”¹⁸. Só o pensar em “beber o sangue do Filho do Homem já era abominável”¹⁹. Assim como o verbo “comer” em 6:51, as palavras “comerdes” e “beberdes” em 6:53 estão no tempo aoristo, denotando uma ação definitiva. Comer a carne do Filho do Homem e beber o seu sangue são absolutamente essenciais para se ter vida eterna. Nessa linguagem, encontramos outra razão pela qual esta seção não pode ser sobre a ceia do Senhor. Leon Morris apresentou esta opinião:

¹⁸ J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark, 1928, vol. 1, p. 209.

¹⁹ Bruce, p. 159.

¹⁶ Essas ideias são apresentadas em Tom Thatcher, ed., *What We Have Heard from the Beginning: The Past, Present and Future of Johannine Studies*. Waco, Tex.: Baylor University Press, 2007, p. 53; John F. Craghan, *And the Life of the World to Come: Reflections on Biblical Notions of Heaven*. Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 2012, p. 29; e Peder Borgen, *Early Christianity and Hellenistic Judaism*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1996, p. 137.

¹⁷ Raymond E. Brown, *The Gospel According to John (i–xii)*, The Anchor Bible, vol. 29. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1966, pp. 284–85.

Essa linguagem é absoluta. Não há referência a arrependimento, conversão ou crer. Não há qualificação de qualquer tipo. Nenhuma brecha é deixada. Mas é impossível pensar que Jesus (ou o Evangelista) teria ensinado que a única coisa necessária para a vida eterna é receber o sacramento.²⁰

Como 6:51, esses versículos falam da morte de Cristo. “A ‘carne’ é apresentada em seu aspecto duplo como ‘carne’ e ‘sangue’, e por esta separação de suas partes pressupõe-se a ideia de uma morte violenta.”²¹ Jesus estava chamando sutilmente a atenção para sua morte expiatória e estava desafiando todos a participarem dessa morte expiatória. As expressões “comer a carne” e “beber o sangue” do Filho do Homem são uma forma metafórica de dizer o homem só se apropria do dom, do presente de Deus, “o pão vivo” do céu, crendo em Jesus (veja 6:47). O homem só tem vida eterna se unindo com o Cristo sem pecado. A “carne” de Jesus denota seu sacrifício corporal na cruz, e seu “sangue” representa os benefícios expiatórios de sua morte. Para possuir a vida eterna, é preciso compartilhar da morte de Jesus participando da sua carne e do seu sangue, ou seja, desenvolvendo um relacionamento adequado com Jesus.

Como é típico de João, 6:54 declara com uma afirmação o que Jesus acabara de dizer com uma negação, em 6:53: **Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.** Diferentemente da palavra traduzida por “comer” em 6:51, 53 (de *esthiō*), a palavra aqui traduzida por “comer” vem de *τρῶγω* (*trōgō*) e é usada novamente em 6:56–58²². Esta é “uma palavra mais grosseira, ‘mastigar’ ou ‘mascar’, usada no grego clássico para animais”²³. Por causa desse uso de comer no sentido de literal, alguns usam isto como argumento para apoiar o ponto de vista de que Jesus estaria se referindo à ceia do Senhor. Ao contrário disso, deve-se entender que estes versículos fazem uma descrição do ato de se apropriar de Cristo.

O ato duplo de comer a carne de Jesus e beber o seu sangue resulta em vida, mas uma dúvida

persiste: “Como se ‘come’ a carne e como se ‘bebe’ o sangue de Jesus?” Homer A. Kent Jr. traduziu essa pergunta desta forma: “...como uma pessoa assume e assimila os efeitos do sacrifício de Cristo em seu favor?”²⁴ Aqui está outra razão para rejeitar a visão de que esta seção de João fala da ceia do Senhor. A resposta reside na observação do paralelo entre os versículos 40 e 54:

6:40 – “...que todo homem que vir o Filho e nele crer *tenha a vida eterna*; e eu o *ressuscitarei no último dia*” (grifo meu).

6:54 – “Quem comer a minha carne e beber o meu sangue *tem a vida eterna*, e eu o *ressuscitarei no último dia*” (grifo meu).

As promessas de vida eterna e ressurreição são feitas nos dois versículos. A diferença é que um versículo usa a imagem de comer a carne de Jesus e beber o sangue de Jesus, enquanto o outro fala diretamente de ver o Filho e nele crer. É claro, então, que em 6:54 Jesus estava falando metaforicamente do processo de se apropriar dele pela fé. Aquele que fizer isso terá vida eterna e será ressuscitado no último dia.

Embora esta passagem não esteja descrevendo a ceia do Senhor, percebe-se uma conexão entre as duas coisas. Considerando que João escreveu seu Evangelho anos após a instituição da ceia do Senhor, era de se esperar que os leitores cristãos notassem alguns paralelos entre essa passagem e a ceia do Senhor narrada nos Evangelhos Sinóticos. A ceia do Senhor é sobre “o pão da vida” enviado pelo Pai do céu para morrer na cruz a fim de que seus seguidores tenham a vida eterna e sejam ressuscitados no último dia. Além disso, era de se esperar que os leitores não cristãos entendessem que João 6 está falando de Jesus, o Cristo; talvez eles também soubessem que a ceia do Senhor é um memorial da morte de Jesus, o objeto de fé a quem todos devem render submissão total. Sendo assim, embora João 6 não seja sobre a ceia do Senhor, o significado da ceia do Senhor é claramente evidente. A relação de João 6 com a ceia do Senhor foi resumida com eficácia por Bertold Klappert: “João cap. 6 não diz respeito à ceia do Senhor; pelo contrário, a ceia do Senhor se refere àquilo que foi des-

²⁰ Leon Morris, *The Gospel according to John*, ed. rev., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 312.

²¹ Westcott, p. 107.

²² O versículo 58a contém o verbo *esthiō*, e o versículo 58b usa a palavra *trōgō*.

²³ Bruce, p. 159.

²⁴ Homer A. Kent Jr., *Light in the Darkness: Studies in the Gospel of John*. Winona Lake, Ind.: BMH Books, 1974, p. 108.

critico em João cap. 6²⁵.

Versículos 55 e 56. Jesus afirmou enfaticamente que a sua **carne é verdadeira comida** e que o seu **sangue é verdadeira bebida**. O alimento sustenta a vida física. Maná sustentou os antepassados dos judeus no deserto; no entanto, eles acabaram morrendo. A carne e o sangue de Jesus fornecem o sustento espiritual que pode satisfazer as necessidades mais profundas da alma. Comer a carne de Jesus e beber o sangue de Jesus (isto é, apropriar-se de Jesus pela fé) resulta na permanência do crente em Jesus e na permanência de Jesus no crente. “Permanecer” (μένω, *menō*) é uma palavra importante em João, que define vários relacionamentos: o Pai permanece no Filho (14:10), o Filho permanece no amor do Pai (15:10), o Espírito permanece em Jesus (1:32, 33) e os crentes permanecem em Jesus (15:4, 7, 9, 10).

Comer (τρώγων, *trōgōn*) e **beber** (πίνων, *pinōn*) estão no particípio presente, denotando o mesmo tipo de ação contínua expresso pelo presente do indicativo **permanece** (μένει, *menei*). Aquele que continuamente “se alimenta” de (participa de) Jesus aceitando-o e submetendo-se a ele continua a “permanecer” nele, e Cristo continua a ter a mais profunda comunhão espiritual com ele. O relacionamento do cristão com Cristo não é passageiro, é uma comunhão contínua.

Versículo 57. Jesus foi enviado a este mundo pelo **Pai, que vive**, isto é, aquele que tem vida em si mesmo, conforme declarado em 5:26. Jesus tem vida em si mesmo porque a vida dele foi concedida pelo Pai (5:26). O raciocínio aqui é uma versão abreviada do argumento exposto em 5:19–30. Substituindo “come a minha carne e bebe o meu sangue” por “de mim se alimenta”, Jesus disse: **quem de mim se alimenta por mim viverá**. Isso esclarece que comer a carne de Jesus e beber seu sangue é uma metáfora do apropriar-se do Filho pela fé. O Filho, que tem vida concedida pelo Pai, tem o direito de transmitir vida aos que dele se alimentam. Por causa de seu acesso direto ao Pai, Jesus recebeu vida em si mesmo diretamente do Pai; quem nele crê recebe vida por meio do Filho.

Versículo 58. Jesus retomou o contraste mencionado pela primeira vez em 6:31–33, entre o **maná no deserto** e o verdadeiro **pão do céu**. Repe-

tindo o pensamento de 6:49 e 50, ele fez seus ouvintes recordarem que o maná, embora fornecido por Deus, só podia sustentar a vida física – não podia dar a verdadeira vida espiritual. Só o verdadeiro “pão” do céu pode dar vida eterna. **Quem comer este pão viverá eternamente.**

Versículo 59. Estas coisas provavelmente se refere ao discurso iniciado em 6:27. João esperou até o fim deste discurso para revelar ao leitor que ele aconteceu **na sinagoga**²⁶. Como não há artigo definido acompanhando “sinagoga”, a tradução mais exata seria “em sinagoga”. Jesus falou abertamente nas sinagogas e no templo (18:20; veja Mateus 13:54; Marcos 1:21; 6:2; Lucas 4:15; 6:6). Seu discurso sobre “estas coisas” foi proferido em três etapas: o verdadeiro “maná” (6:27–34), Jesus, “o pão da vida” (6:35–47) e comendo a “carne” do Filho do Homem (6:48–59).

A REAÇÃO DOS DISCÍPULOS AO DISCURSO DE JESUS (6:60–71)

A última seção de João 6 encerra o ministério público na Galileia registrado em João. No início do ministério de Jesus, uma grande multidão o seguiu por causa dos sinais que ele realizou em pessoas que sofriam de várias doenças (como em 6:2). No auge de sua popularidade, Jesus realizou o incrível sinal da multiplicação dos pães e peixes para alimentar cinco mil homens (6:5–15). Após tentarem proclamá-lo rei (6:15), Jesus foi para o monte a fim de orar, juntando-se aos seus discípulos, depois de andar sobre as águas (6:16–21). Então, seguiu para Cafarnaum. As multidões o encontraram ali, na expectativa de receber mais uma refeição gratuita (6:26). Nessa ocasião, ele proferiu o discurso sobre “o pão da vida” (6:27–59). Esse discurso deixou claro que Jesus não era apenas mais um rabino; suas alegações eram de alguém muito superior a um mestre. Jesus deixou claro que a vida eterna estava disponível somente a quem o aceitasse e nele cresse. Era hora de decidirem. Já não poderiam segui-lo sem assumir um compromisso resolutivo com ele. Desde o capítulo 5, aumentava a incredulidade entre os líderes judeus em Jerusalém; essa mesma incredulidade ressurgiu no fim do ministério na Galileia. Nessa ocasião, porém, a incredulidade

²⁵ Bertold Klappert, “Ceia do Senhor” em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, ed. rev., Colin Brown e Lothar Coenen (org.). Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000, vol. 1, p. 331.

²⁶ Vestígios de uma sinagoga de calcário branco podem ser vistos em Cafarnaum hoje, datando do quarto ou quinto século d.C. Ela foi construída sobre ruínas de basalto negro, provavelmente da sinagoga do primeiro século onde Jesus ensinou.

não estava só entre seus inimigos, mas também entre aqueles que professavam ser seus discípulos (6:60). Também era hora de seus discípulos mais íntimos, os doze, decidirem. Será que as palavras que ofenderam tantos outros também os ofendiam, levando-os a não crer nele?

⁶⁰Muitos dos seus discípulos, tendo ouvido tais palavras, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir? ⁶¹Mas Jesus, sabendo por si mesmo que eles murmuravam a respeito de suas palavras, interpelou-os: Isto vos escandaliza? ⁶²Que será, pois, se virdes o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava? ⁶³O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida. ⁶⁴Contudo, há descrentes entre vós. Pois Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair. ⁶⁵E prosseguiu: Por causa disto, é que vos tenho dito: ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido.

⁶⁶À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele. ⁶⁷Então, perguntou Jesus aos doze: Porventura, quereis também vós outros retirar-vos? ⁶⁸Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna; ⁶⁹e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus. ⁷⁰Replicou-lhes Jesus: Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo. ⁷¹Referia-se ele a Judas, filho de Simão Iscariotes; porque era quem estava para traí-lo, sendo um dos doze.

Versículo 60. Além de os judeus acharem difícil aceitar o ensino de Jesus (veja 6:42, 52), **muitos dos seus discípulos** se opuseram a ele. “Discípulo” (μαθητής, *mathētēs*) é um aprendiz, mas a palavra nem sempre denota um crente verdadeiro. Kent comentou: “A grande maioria das 264 ocorrências desse termo [no Novo Testamento] referem-se a indivíduos que eram discípulos de Jesus”²⁷. Ele prosseguiu enumerando três usos distintos do termo. Ele se aplica: 1) aos doze (Mateus 10:1; 11:1; 26:20); 2) a todos os crentes verdadeiros (Lucas 6:17; 14:26, 27, 33; 19:37) e 3) aos seguidores temporários impressionados com os sinais de Jesus (6:2, 66). Esses discípulos acharam **duro** o ensino de Jesus sobre comer a sua carne e beber o seu sangue. O adjetivo

²⁷ Kent, p. 109, n. 10.

traduzido por “duro” (“difícil”; NTLH) é σκληρός (*sklēros*), que não significa “difícil de entender”, mas “áspero”, “severo” ou “desagradável”²⁸. “A ideia não é de obscuridade. O discurso foi ofensivo e não ininteligível. Foram feitas declarações que exigiam total submissão, devoção e entrega dos discípulos.”²⁹ Não era o caso de não terem entendido o ensino de Jesus; era um discurso preocupante justamente porque *foi* compreendido. Embora os ouvintes de Jesus sejam aqui chamados de “discípulos” (6:60, 66), não eram verdadeiros crentes, mas apenas discípulos temporários.

Quatro características do discurso de Jesus sobre “o pão da vida” ofenderam esses discípulos³⁰. 1) Eles estavam mais interessados em realidades físicas, como comida e política, do que em realidades espirituais. 2) Eles não estavam preparados para abrir mão de “sua autoridade soberana, mesmo em questões religiosas”. 3) Eles ficaram irados com a afirmação de que Jesus era maior do que Moisés. 4) Eles contestaram o pedido de Jesus de que comessem a sua carne e bebessem o seu sangue.

Versículos 61 a 63. Tendo um conhecimento sobrenatural do que está no homem (2:25), Jesus sabia que alguns de seus próprios **discípulos** estavam resistindo ao seu ensino. Por isso, ele perguntou: **Isto vos escandaliza?** (6:61). O versículo 62 está incompleto no sentido de apresentar uma condição sem a conclusão. Anteriormente, Jesus dissera que havia descido do céu (6:38). Se já estavam incomodados com as implicações da alegação de Jesus de ter descido do céu, como reagiriam se vissem **o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava?** (6:62). A frase condicional poderia ser completada de duas maneiras: a ascensão de Jesus poderia diminuir a indignação deles ou torná-la ainda maior. Morris aplicou este versículo desta forma:

[No caso da primeira frase] a ascensão será o meio de acabar com a dificuldade para quem a vir. Quando virem a ascensão de Cristo, saberão que comer e beber são fenômenos espirituais, a serem interpretados à luz da posição celestial de Jesus.³¹

²⁸ Bauer, p. 930.

²⁹ Westcott, p. 109.

³⁰ Carson, p. 301. A exposição dessas quatro características foi adaptada de Carson.

³¹ Morris, p. 339.

Neste último caso, a desaprovação desses discípulos se intensificaria. A ascensão estava ligada à cruz, pois era por meio da cruz que Jesus subiria para o lugar onde primeiro estava. Se já estavam se escandalizando com o discurso sobre “comer carne e beber sangue”, quanto mais ofendidos ficariam com a cruz (veja 1 Coríntios 1:23)! Morris acrescentou: “...um teste severo os aguardava: a cruz. Mas a cruz não aconteceria sozinha. A crucificação, ressurreição e ascensão estariam ligadas à cruz numa sequência inquebrável”³².

A resposta de cada pessoa ao fato de Jesus ser “levantado” (3:14) determina seu destino. A ascensão de Jesus “para o lugar onde primeiro estava” implica a preexistência de Jesus (veja 17:5). Aquele que estava com o Pai e foi enviado pelo Pai para se tornar carne e habitar entre os homens (1:1, 14) voltaria para onde ele primeiro estava no tempo devido.

Tentar compreender as palavras de Jesus de maneira estritamente física, sem compreender seu verdadeiro significado, é uma busca inútil; pois **a carne para nada aproveita**. Mas, se a “carne para nada aproveita”, o que tem proveito? Jesus disse: **O espírito é o que vivifica** (6:63; veja Gênesis 1:2; 2:7; 2 Coríntios 3:6). Apesar de o Espírito Santo ser enviado somente após Jesus ser glorificado (7:37–39), isto é, após ter sido crucificado, ressuscitado e exaltado à direita do Pai, Jesus já possuía o “Espírito [sem] medida” (3:34). As **palavras** [de Jesus] **são espírito e são vida**. São “espírito” porque “são o produto do Espírito que dá vida”; e são “vida” porque “corretamente entendidas e absorvidas, geram vida”³³. Aqui, então, como na conversa de Jesus com Nicodemos, há dois mundos distintos – o físico e o espiritual. Deve-se entender o comer a carne do Filho do Homem e o beber o seu sangue como decisões pertencentes ao reino espiritual. Comer o alimento físico não pode dar vida espiritual (veja 6:49, 58); mas consumir o verdadeiro “pão”, isto é, Jesus, gera vida espiritual (veja 6:50, 58).

As palavras de Jesus pertencem ao mundo espiritual, e geram vida espiritual quando devidamente entendidas e obedecidas. Pode-se viver espiritualmente alimentando-se de Cristo, isto é, aceitando suas palavras e a elas obedecendo. Se aqueles que ouviram as palavras sobre o “pão da vida” entendessem que verdades espirituais esta-

vam sendo reveladas ali, se aceitassem que Jesus é “o pão vivo” do céu e se nele cressem, então, mesmo depois de Jesus ter ascendido ao céu, poderiam desfrutar a vida eterna.

Versículos 64 e 65. Embora as palavras de Jesus fossem palavras de vida, seriam vida somente para aqueles que cressem. Por isso, Jesus disse: **Contudo** [ἄλλὰ, *alla*; uma conjunção adversativa forte], **há descrentes entre vós**. Não foi surpresa para Jesus que alguns **não cressem**, pois ele **sabia, desde o princípio**. Esta frase pode significar desde o início dos tempos (veja 1:1), desde o início do ministério pessoal de Jesus, ou desde o primeiro dia que esses discípulos professaram segui-lo. O fato de Jesus conhecer aqueles que não criam de modo algum indica que ele (ou qualquer outro membro da Trindade) determinou essa incredulidade. Todo ser humano é dotado de liberdade de escolha, e Jesus sabia o que alguns escolheriam livremente fazer.

Por causa disto, é que vos tenho dito não aponta para uma citação exata de Jesus nesse discurso, mas a essência de sua mensagem encontra-se em 6:37, 44. Ele declarou: **Ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido**. A boa notícia da graça salvadora de Deus em Jesus estava sendo comunicada, e os ouvintes de Jesus tinham a responsabilidade de responder com fé. Havia uma escolha para aqueles cuja fé estava crescendo e para aqueles cuja incredulidade estava aumentando.

Versículo 66. Este versículo marca, sem dúvida, um ponto de virada no ministério de Jesus em geral e na Galileia em particular. **À vista disso** (ἐκ τούτου, *ek toutou*), ou “diante disso” (NVI), **muitos dos seus discípulos abandonaram Jesus**. Ofendidos pelas “duras palavras” do Mestre, os seguidores temporários deixaram de ser persuadidos por seus ensinamentos. “A progressiva rejeição [desses seguidores] revelou-se nas palavras usadas para descrever as ações deles [6:61, 66]: ‘murmuraram’, ‘o abandonaram e já não andavam com ele’.”³⁴ Literalmente, “eles foram para as coisas [que haviam deixado] para trás”. Em resumo, voltaram aos afazeres normais da vida.

No início do ministério de Jesus entre esses galileus, ele foi recebido (4:45); mas depois de recusar ser rei deles e se identificar como “pão vivo” que deve ser comido para se obter vida espiritual,

³² Ibid., pp. 339–40.

³³ Carson, p. 302–3.

³⁴ Merrill C. Tenney, *John: The Gospel of Belief*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976, p. 123.

eles se afastaram dele. “O que eles queriam, ele não deu; o que ele ofereceu, eles não aceitaram.”³⁵ Como muitos de seus seguidores em Jerusalém, esses galileus não passaram no teste do verdadeiro discípulo. Eles viram os sinais que Jesus realizou, mas não o que esses sinais significavam. Não aprenderam com os sinais que Jesus desceu do céu para ser o Salvador do mundo. Não estavam dispostos a se render e crer em Jesus.

Versículo 67. Este capítulo mostrou que as multidões, e mesmo alguns dos discípulos de Jesus, ficaram desapontados com a oferta de vida espiritual, porque esperavam um Messias que trouxesse liberdade política. Quando os discípulos temporários partiram, **Jesus** ficou a sós com **os doze**, mencionados aqui pela primeira vez, sem explicação. A suposição é que os leitores de João estariam familiarizados com os doze apóstolos escolhidos por Jesus. Jesus fez uma pergunta a esses discípulos, usando o μή (*mē*) negativo e esperando um sonoro “não”. Ele disse: **Porventura, quereis também vós** [ὕμεις, *hūmeis*; enfático] **outros retirar-vos?** Essa pergunta “não foi feita em um estado de desespero”³⁶, mas de confiança, esperando a lealdade desses discípulos. “A pergunta não visava tranquilizar Jesus; evidentemente, ele sabia da decisão que os discípulos fiéis já haviam tomado. A pergunta visava beneficiar os próprios discípulos...”³⁷ Eles precisavam expressar sua resposta mais do que Jesus precisava ouvi-la.

Versículos 68 e 69. Apesar de Jesus ter dirigido a pergunta aos doze, não surpreende **Pedro** ser o porta-voz da resposta. Pedro, o discípulo impulsivo, disse a primeira coisa que lhe veio à mente: **Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna.** Embora os discípulos desertores estivessem pensando em um nível unicamente físico, recusando-se a aceitar o valor espiritual dos ensinamentos de Jesus, Pedro entendeu o significado das palavras do Mestre. Jesus havia dito que suas palavras eram “espírito” e “vida” (6:63), e Pedro aceitou essa verdade. Ninguém senão Jesus tinha as “palavras da vida eterna”.

A segunda parte da declaração de Pedro foi: **nós** [ἡμεῖς, *hēmeis*; enfático] **temos crido e reconhecido que tu** [σὺ, *su*; enfático] **és o Santo de Deus.** Os primeiros dois verbos desta frase estão

no tempo perfeito, indicando que os discípulos haviam chegado a um estado de fé e conhecimento e continuavam nesse estado. Pedro expressou o conteúdo da fé dos discípulos: “Tu és o Santo de Deus”. Embora faltem evidências para dizer que esse título era comumente usado como um nome messiânico, para Pedro, esse título tinha um significado messiânico (veja Atos 3:14). “O Santo de Deus” aparece como um título messiânico nos lábios de um homem endemoninhado em Marcos 1:24 e Lucas 4:34. A expressão é usada no Antigo Testamento para homens consagrados a Deus, como Arão (Salmo 106:16)³⁸. A leitura variante no *Textus Receptus*, “o Cristo, o Filho do Deus vivo”, é refletida na versão inglesa KJV e “naturalmente se insinuou no texto aqui, por assimilação”³⁹ (veja Mateus 16:16). Essa afirmação de Pedro tem sido comparada à sua confissão em Cesareia de Filipe (Mateus 16:13–20; Marcos 8:27–30).

Muitos judeus estavam dispostos a aceitar Jesus como o segundo Moisés que lhes daria alimento físico ou como um rei que expulsaria os romanos da terra deles, porém não tinham interesse em Jesus como “o pão vivo” que desceu do céu para salvar o mundo. Pedro identificou Jesus como ele deveria ser identificado: “santo”, pois o Pai é “santo” (17:11). As expectativas messiânicas de André (1:41), Filipe (1:45) e Natanael (1:49) foram assim confirmadas.

Versículos 70 e 71. Misturado à satisfação de Jesus ao ouvir o compromisso na confissão de Pedro havia o decepcionante reconhecimento de que entre aquele grupo seletivo havia um **diabo** (δίαβολος, *diabolos*), que significa “caluniador”, “acusador” ou “adversário”. Em algumas passagens do Novo Testamento (1 Timóteo 3:11; 2 Timóteo 3:3; Tito 2:3), essa palavra aparece no plural, sendo traduzida por “maldizentes” ou “caluniadores”. No entanto, o termo normalmente ocorre no singular e como um substantivo (ou seja, algo com existência própria e independente) referente a Satanás. O título “diabo” ocorre trinta e quatro vezes no Novo Testamento. Pedro, no incidente em Cesareia de Filipe – apesar de ter motivos sinceros – provou ser um “adversário” e, por isso, foi chamado de “Satanás”, quando tentou dissuadir Jesus de sofrer e morrer em obediência à vontade

³⁵ Bruce, p. 164.

³⁶ Ibid., p. 165.

³⁷ Woods, p. 139.

³⁸ A expressão usada em Salmos 106:16 é “o santo do SENHOR”.

³⁹ Bernard, vol. 1, p. 223.

do Pai (Mateus 16:23; Marcos 8:33). Aqui, a palavra *diabolos* foi aplicada a outro membro do grupo escolhido, identificado em 6:71. Judas “é chamado de ‘diabo’, porque apresentou características do diabo, sendo enganador, diabólico e malevolente como o diabo é”⁴⁰.

Na frase **não vos escolhi eu...?** “eu” (ἐγώ, *egō*) é enfático. Nota-se uma acirrada justaposição: “Eu vos escolhi, e um de vós é diabo”. Jesus, por causa do seu conhecimento sobrenatural (6:64), sabia que seria traído; porém o traidor realizou seu trabalho malévolo exercendo o livre arbítrio. De forma alguma Jesus, “o Santo” ou qualquer outro membro da Trindade, foi responsável por esse feito maligno.

João, escrevendo anos depois, explicou que aquele a quem Jesus chamou de “diabo” era **Judas, filho de Simão Iscariotes**. Embora Jesus soubesse qual era a identidade do traidor (6:64), esta é a primeira vez que ele é mencionado pelo nome. Toda vez que Judas é mencionado pela primeira vez nos Evangelhos Sinóticos, ele é identificado como o traidor (Mateus 10:4; Marcos 3:19; Lucas 6:16); e João inclui a mesma informação aqui, ao dizer que Judas **estava para traí-lo**. “Iscariotes” é provavelmente uma transliteração da palavra hebraica que significa “homem de Queriote”. “Queriote” é uma cidade no sul da Judeia mencionada em Josué 15:25. Segundo Brown, esse entendimento do texto “faria de Judas um discípulo judeu de Jesus [veja 7:3], ao passo que os outros membros do grupo de doze que conhecemos eram galileus”⁴¹.

APLICAÇÃO

Os “Eu Sou” do Cristo (Cap. 6)

No mundo atual, as pessoas estão em busca de algo. Algumas buscam um propósito espiritual para a vida. Outras anseiam pela verdade, salvação ou vida eterna. Para quem busca essas bênçãos, o Evangelho de João é o lugar certo! Jesus afirmou ser a fonte de todas as bênçãos espirituais de que alguém precisa. Suas palavras neste Evangelho incluem sete ditos “Eu sou” que apresentam o Cristo como a única fonte das bênçãos que buscamos.

Apresentando os “Eu Sou”. Em 6:1–15, encontramos o relato de João sobre o milagre da multiplicação de pães e peixes para alimentar cinco mil

homens. Esse milagre impressionou tanto as pessoas com o poder de Jesus que quiseram “arrebatarlo para o proclamarem rei”. A resposta de Jesus foi retirar-se para um monte, presumivelmente a fim de orar, enquanto seus discípulos partiram de barco para atravessar o mar da Galileia (6:15–17). A seguir, Jesus foi andando sobre as águas até o barco dos discípulos (6:18–21).

No dia seguinte, os que estavam do outro lado do mar da Galileia seguiram Jesus e seus discípulos até Cafarnaum, em busca de Jesus. Jesus acusou a multidão de segui-lo porque ele os havia alimentado com pão (6:26) e disse-lhes: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo” (6:27). Eles responderam que seus pais haviam recebido maná – ou pão – do céu (6:30, 31).

Depois de alimentar os cinco mil homens, Jesus falou do “verdadeiro pão do céu” (6:32) que veio do Pai. Os que estavam na multidão pediram: “Senhor, dá-nos sempre desse pão” (6:34). A seguir, Jesus acrescentou: “Eu sou o pão da vida” (6:35). Ele disse isso novamente em 6:48. E em 6:51, ele afirmou: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu”. Este é apenas o primeiro “Eu sou” que Jesus alegou acrescentando uma metáfora que sugere algo sobre sua pessoa ou obra.

Assim como registrou sete “sinais” realizados por Jesus, João registrou essas sete declarações vívidas em que Jesus confirmou sua divindade e competência para ser nosso Salvador. João achou que era importante que seus leitores avaliassem essas alegações do Cristo. Se eles precisaram avaliar os sete “Eu sou” de Jesus, nós também precisamos!

Qual é o significado das declarações “eu sou”? O formato usado em cada declaração “Eu sou” é impressionante. Os dizeres de Jesus: “Eu sou o pão da vida”, “Eu sou o bom pastor”, “Eu sou a ressurreição e a vida”, e assim por diante, são impressionantes na nossa língua e, provavelmente, foram ainda mais impressionantes para os primeiros leitores de João. “Eu sou” traduz as palavras gregas *egō eimi*, que significam literalmente algo como “eu, eu sou” ou “eu, eu mesmo, sou” ou “eu certamente sou”. Essa declaração é mais poderosa em grego do que em português. Não há dúvida, nenhuma incerteza nas palavras de Jesus; cada uso dessa expressão é uma confirmação poderosa de uma grande verdade.

Além disso, essas palavras devem ter impres-

⁴⁰ Woods, p. 140.

⁴¹ Brown, p. 298.

sionado os primeiros leitores por ecoarem a afirmação de Deus sobre si mesmo no Livro de Êxodo. Quando foi chamado por Deus, Moisés perguntou como deveria responder quando os israelitas quisessem saber o nome do Deus que o havia enviado. Deus identificou-se como “Eu Sou”, dizendo: “EU SOU O QUE SOU... Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros” (Êxodo 3:13, 14). Na LXX, a versão grega do Antigo Testamento usada pelos primeiros leitores de João, as palavras equivalentes a “Eu Sou” do Êxodo são *egō eimi*. Aos ouvidos dos discípulos, as palavras de Jesus ecoavam as palavras do próprio Deus e sugeriam que Jesus estava alegando ser o que Deus disse que era: o grande “Eu Sou”, o Deus do universo e o Deus de Israel! O formato de cada declaração “Eu sou” apontava para a realidade da divindade de Cristo!⁴²

Quais são as sete declarações “eu sou”? Analisemos brevemente cada “eu sou” em seu respectivo contexto e ponderando sua importância.

1. “Eu sou o pão da vida” (6:35, 48). Como já vimos, em 6:35 e 48, Jesus se referiu a si mesmo como “o pão da vida”. Levando em conta o contexto, vejamos alguns fatos relativos a Jesus, “o pão da vida”: 1) Ele dá vida. 2) Ele elimina a fome permanentemente. Jesus disse: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (6:35). 3) Ele veio do céu: “Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo” (6:33). 4) Ele dá vida eterna: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente” (6:51a). 5) Ele deu a sua carne na morte: “e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne” (6:51b).

2. “Eu sou a luz do mundo” (8:12; 9:5). Em 8:12, Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida”. Posteriormente, ele declarou: “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (9:5). João também falou de Jesus como “a luz” em 1:4–9. A luz é um símbolo do bem, enquanto as trevas estão associadas ao mal. Por isso, dizemos que quem está em Cristo está “na luz”, e a luz está nele. É interessante que Jesus, “a luz do mundo”, disse aos seus discípulos: “Vós sois a luz do mundo” (Mateus 5:14; grifo meu). Jesus não é “luz” somente; ele também é Aquele que dá a “luz da vida”.

Jesus é uma luz que traz vida.

3. “Eu sou a porta das ovelhas [do aprisco]” (10:7; veja 10:9). Em 10:7, Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas”. Ele fez uma alegação semelhante em 10:9: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem”.

O “aprisco” representa proteção, segurança e salvação. Visto que Jesus é a “porta das ovelhas”, suas ovelhas, seus seguidores, têm acesso à segurança dentro do aprisco e fora dele para pastar.

4. “Eu sou o bom pastor” (10:11, 14). Em 10:11, Jesus usou a expressão “o bom pastor”. Ele disse: “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas”. Ele repetiu essa ideia em 10:14: “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim”.

Como é Jesus na figura do “bom pastor”? 1) Ele não é como um ladrão ou salteador (10:1) que só vem para ferir e roubar as ovelhas. 2) Ele não é um pastor somente; é “o bom pastor”. Ele faz o bem para e pelas ovelhas. 3) Ele tem um relacionamento íntimo com as ovelhas: ele as chama pelo nome; ele as lidera; as ovelhas o seguem; elas conhecem a sua voz. 4) O mais impressionante é o compromisso do Pastor de dar a vida pelas ovelhas: “Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou” (10:17, 18a).

5. “Eu sou a ressurreição e a vida” (11:25). Em 11:25 Jesus se identificou como “a ressurreição e a vida”. Depois que seu amigo Lázaro morreu, Jesus disse a Maria e Marta, irmãs de Lázaro, que ele ressuscitaria. Marta expressou confiar que ele seria ressuscitado no dia da ressurreição. Jesus então disse: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente” (11:25, 26a). A seguir, Jesus ressuscitou Lázaro dos mortos.

Qual é o significado de Jesus ser “a ressurreição e a vida”? Obviamente, essa declaração sugere que a morte não deveria impor medo a quem é seguidor de Cristo.

6. “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (14:6). Em 14:6, Jesus alegou ser “o caminho, e a verdade, e a vida”. Ele tinha acabado de dizer aos Seus seguidores:

“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu

⁴² Jesus usou a expressão “Eu sou” de modo semelhante em João 8:24 e 58 sem acrescentar metáforas.

vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também. E vós sabeis o caminho para onde eu vou (14:1-4).

Tomé havia perguntado: “Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?” (14:5). Foi quando Jesus declarou: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (14:6).

A principal verdade que nos impressiona nessa afirmação é a singularidade das palavras de Jesus. Ele é “o caminho”, singular; não há outro. Não há outro caminho até Deus, nenhuma outra verdade, nenhuma outra fonte de vida. Sem Cristo, não há como ir; sem Cristo, não há conhecimento; sem Cristo; não há vida. Só ele pode prover essas bênçãos!

7. “Eu sou a videira verdadeira” (15:1; veja 15:5). Em 15:1, Jesus disse que ele é “a videira verdadeira”. Como parte do mesmo discurso em que afirmou ser “o caminho, e a verdade, e a vida”, Jesus disse: “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor” (15:1). E Jesus prosseguiu dizendo que nós, seus discípulos, somos “os ramos” (15:5) e que a nossa responsabilidade é dar fruto (15:2, 4, 8).

Qual é o significado de Jesus ser “a videira”? Visto que ele disse: “Eu sou a videira, vós, os ramos” (15:5a), estamos intimamente ligados a Cristo. Estar ligado a ele desse modo significa que podemos dar fruto: “Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto” (15:5b). Sendo “a videira”, ele nos provê tudo o que precisamos. Se pedirmos da maneira certa, podemos ter tudo o que pedirmos. Ele disse: “Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito” (15:7; veja 14:13). Porque ele é “a videira”, nossa alegria pode ser completa: “Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo” (15:11).

Quais são as implicações dessas declarações “eu sou”? Juntas, o que todas essas alegações significam?

1. A Divindade de Cristo. As alegações de Jesus, expressas nas palavras “eu sou”, demonstram sua divindade. Elas implicam que Jesus é mais do que um homem; ele é o Filho de Deus. Pensemos novamente em tudo o que Cristo alegou ser: “o pão da vida”; “a luz do mundo”; “a porta

das ovelhas [do aprisco]”; “o bom pastor”; “a ressurreição e a vida”; “o caminho, e a verdade, e a vida” e “a videira verdadeira”.

Essas alegações nunca poderiam sair da boca de um simples homem! Nenhum ser humano poderia ou faria essas alegações; mas Jesus as fez. O próprio fato de que Jesus fez essas alegações significa que, se ele era o que afirmava ser, então ele tinha de ser o Filho de Deus, o Messias. Ele é Deus! Se, pelo contrário, ele não era o que alegou ser, então era um impostor, um mentiroso. Essas são as únicas alternativas.

O que você pensa a respeito de Jesus? Ele era – e é – o Filho de Deus e nosso Senhor, ou é o maior impostor de todos os tempos? Em que alternativa você vai crer?

2. A Bondade de Cristo. Além disso, as alegações de Jesus expressas nas frases “Eu sou” demonstram sua sensibilidade para com as nossas necessidades. Mostram sua bondade implicando que todas as bênçãos espirituais que poderíamos querer encontram-se em Cristo!

Ele é “o pão da vida”: ele supre a nossa necessidade de alimento espiritual.

Ele é “a luz do mundo”: ele supre a nossa necessidade de iluminação.

Ele é “a porta das ovelhas”: ele provê segurança e proteção.

Ele é o “bom pastor”: ele oferece a orientação e o cuidado contínuo de que precisamos.

Ele é “a ressurreição e a vida”: ele venceu a morte e prometeu nos ressuscitar no último dia. Essa promessa pode nos ajudar a superar o medo da morte.

Ele é “o caminho”: ele nos dá um propósito na vida.

Ele é “a verdade”: ele supre a nossa necessidade de conhecimento.

Ele é “a vida”: ele oferece vida abundante agora e vida eterna depois que esta vida terminar.

Ele é “a videira verdadeira”: ele supre a nossa necessidade de companheirismo. Ele é Aquele em quem podemos permanecer, em quem podemos confiar. Ele supre nossa necessidade de sermos úteis e darmos muitos frutos.

Resumindo, essas declarações ilustram que Cristo é nossa esperança e nosso auxílio. Ele é o

princípio e o fim da nossa fé. Ele é vida e ele dá vida. Ele traz salvação e todas as bênçãos espirituais para as nossas vidas.

3. A Exclusividade de Cristo. Os sete “eu sou” de Jesus registrados no Evangelho de João revelam a exclusividade de Cristo. Todos implicam que as bênçãos prometidas se encontram em Cristo somente. Não há outro pão da vida; não há outra luz do mundo; não há outra porta das ovelhas; não há outro bom pastor; não há outra ressurreição e vida; não há outro caminho, nenhuma outra verdade, nenhuma outra vida; não há outra videira verdadeira. Sendo assim, todos que desejam receber essas bênçãos precisam estar em Cristo.

4. A Disponibilidade de Cristo. As bênçãos implícitas nas declarações “eu sou” estão ao alcance de todos. Na maioria dessas passagens, quando Jesus disse: “Eu sou...”, ele estava deixando implícito que todos têm o direito e a responsabilidade de decidir se vão desfrutar das bênçãos reservadas aos seus seguidores.

Por exemplo, quando Jesus disse: “Eu sou o pão da vida”, ele acrescentou: “o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (6:35). “O pão da vida” está ao alcance de todos; mas para comer dele, é preciso crer em Jesus. Cada um deve tomar a decisão de crer e obedecer ou rejeitar as bênçãos de Jesus. De modo semelhante, Jesus disse: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente...” (6:51). Jesus é “o pão vivo” do céu, mas somente quem come desse “pão” se beneficiará dele.

O mesmo princípio vale para cada um dos seguintes versículos:

“Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (8:12). A luz está disponível; mas para desfrutá-la, precisamos tomar a decisão de seguir a Jesus.

“Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem” (10:9). Todos são convidados a entrar pela porta, mas depende de nós dar o primeiro passo.

“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá” (11:25, 26a). Podemos viver novamente depois de morrer; de fato, podemos ter vida eterna. Passar a eternidade no céu só

depende de crermos em Jesus e a ele obedecermos.

“Eu sou a videira verdadeira..., permaneci em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim” (15:1–4). Somos chamados para ser ramos ligados à videira de Jesus, mas cabe a nós a escolha de permanecer nele ou não.

Conclusão. Jesus é “o pão”, mas podemos nos recusar a comê-lo. Ele é “a luz”, mas podemos negar a luz e preferir andar nas trevas. Ele é “a porta”, mas podemos nos recusar a entrar. Ele é o “bom pastor”, mas podemos decidir não o seguir. Ele é “a ressurreição e a vida”, mas podemos rejeitá-lo por incredulidade. Ele é “o caminho”, mas podemos nos recusar a ir; “a verdade”, mas podemos nos recusar a conhecer; “a vida”, mas podemos nos recusar a viver.

Você vai escolher comer do “pão”, andar na “luz”, entrar pela “porta”, seguir “o bom pastor”, aceitar “a vida”, trilhar o “caminho”, conhecer “a verdade” e permanecer na “videira”? Você pode decidir aceitar essas bênçãos crendo em Cristo, obedecendo à sua Palavra e, depois, vivendo e permanecendo nele.

Tudo o que você precisa para manter-se fisicamente vivo, praticamente, pode ser comprado no mercado: carnes, vegetais, frutas, pão, leite. Mas o que você precisa para manter-se espiritualmente vivo? Jesus Cristo pode fornecer tudo o que é necessário para você espiritualmente – pão, luz, orientação, segurança, verdade, propósito, significado na vida e vida eterna! Há, contudo, uma diferença. Você não precisa pagar pelo que Cristo provê. Ele já pagou por isso! Basta aceitar e levar para casa! Como? Obedeça a Cristo crendo que ele é o seu Salvador, o Filho de Deus (Atos 8:37; 16:31); arrependendo-se de seus pecados (Atos 3:19) e sendo batizado nele para receber o perdão de seus pecados (Atos 2:38).

Uma pessoa pode se recusar a ir fazer compras no mercado ou a se alimentar; e você, se quiser, pode recusar as bênçãos maravilhosas em Jesus Cristo, Aquele que diz “Eu sou...” Oramos para que você não recuse, mas obedeça a Jesus Cristo e se aproprie de suas bênçãos hoje.

Coy Roper